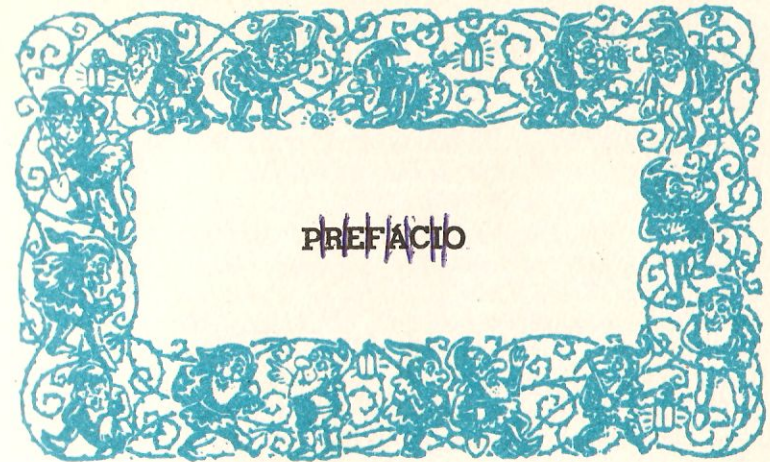


Reservados todos os direitos de reprodução
Propriedade artística e literária da
GRÁFICA E EDITORA "EDIGRAF" S. A.

Copyright by
Gráfica e Editora EDIGRAF S. A.
(Printed in Brazil)

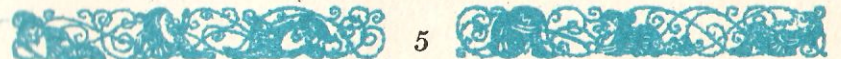
Composto e impresso nas oficinas da
Gráfica e Editora EDIGRAF S. A.
Rua Uruguaiana 86/88 — São Paulo — Brasil



A LENDA que se difundiu e vive nos lábios do povo, jamais morre, porque é deusa imortal. (Hesíodo, 736).

Quando, após vendaval ou cataclismo enviados pelos céus, tôda a colheta é destruída, alegamo-nos por ver num recantozinho qualquer, entre arbustos, algumas espigas que conseguiram manter-se de pé e sobreviver. Se mais tarde, o sol se lhes mostra favorável, crescem solitárias, despercebidas, e, se ainda a foice não as segou para celeiros, chegado o verão, quando amadurecem e se apreentam túmida, pobres mãos as procuram e, postas lado a lado, são cuidadosamente atadas e tidas em maior apreço que os volumosos feixes. Levadas para casa, constituem, durante o inverno, o único alimento e, quem sabe, as únicas sementes para a seara do próximo outono.

Foi o que nos pareceu quando notamos que, de tanta coisa florida doutras eras, nada mais restou, apagando-se dela tôda a lembrança, a não ser algumas canções, uns poucos livros e lendas, e êstes inocentes contos familiares.





A lareira, o fogão da cosinha, as escadas das águas-furtadas, as tradições ainda vivas, as trilhas do gado e os bosques na sua quietude, mas, sobretudo, a imaginação pura, foram as sebes e cercas que os preservaram e transmitiram de geração em geração. Era chegada a hora, com toda certeza, de registrar essas lendas, pois, os que as conservaram, tornavam-se cada vez mais raros. Naturalmente, os que ainda as conhecem, repetem-nas; os homens morrem, as lendas, não. Os costumes antigos vão desaparecendo dia a dia, juntamente com os recantos das mansões e jardins que perduraram de avô a neto e, agora, dão lugar a constantes inovações, pomposas, mas vazias de significado, que muito se assemelham aos sorrisos daqueles que as mencionam e, embora atraentes, são de infimo valor.

As lendas, onde ainda sobrevivem, não merecem atenção; sobrevivem apenas; ninguém reflete se elas são boas ou más. Todos as conhecem e amam porque nos foram transmitidas e todos com elas se alegram sem perceberem o motivo.

E' tão maravilhosa a tradição — eis algo que a poesia tem de comum com a imortalidade —, que até a contragosto a amamos. E' fácil perceber que a tradição só perdura onde há vivo interesse pela poesia, ou onde a imaginação não foi contaminada pelas maldades da vida. Não queremos elogiar as lendas nem defendê-las do ataque dos que lhes são contrários. Basta-lhes a simples existência, para protegê-las. Tudo o que impressiona e ilustra traz em si o cunho da necessidade, porque indubitavelmente provém da fonte eterna da qual dimana a vida; mesmo a pequenina gota de orvalho sobre a pétala da flor brilha fúlgida aos clarões precursores da aurora.

Por este motivo é que através da poesia perpassa a pureza e, por causa dela, parecem-nos lindas e encantadoras as crianças. Têm elas os olhos azuis, claros, inocentes, brilhantes, enquanto os demais órgãos são ainda demasiadamente delicados, débeis e imprecisos para perceberem as cousas terrenas.

Esta a razão de, com a presente coletânea, pretendermos não só prestar relevante serviço à história da poesia e da mi-



tologia, mas também mostrar a poesia que sobrevive nas lendas e deixar que ela atue sobre os corações, divertindo, ao mesmo tempo que ilustrando as inteligências. Não escovamos este livro, eliminando determinados fatos e contingências da vida diária, que, de per si, não podem permanecer ocultos; jamais saberemos se é possível eliminar à vida falhas e feiúras, da mesma maneira que se costuma fazer aos livros. Procuramos a pureza na veracidade de histórias que não encerrem coisas injustas, ao mesmo tempo que eliminamos na presente edição expressões ou palavras não adequadas à compreensão da infância. Se, porém, surgirem palavras ou expressões que possam deixar os pais embaraçados ou se as reputarem impróprias, levando-os à prudência de não deixarem este livro na mão de seus filhos, talvez tenha havido presunção de nossa parte. Poderão os pais fazer, facilmente, substituições por termos ou expressões mais adequadas, segundo seu parecer, o que cremos desnecessário, porquanto nestas páginas tudo é são.

Nada melhor podemos aduzir em nossa defesa que a própria natureza, que faz crescer flores e folhas, todas de aspecto e cores diferentes. Se em determinados casos, elas não convêm a este ou àquele, isto não impede de modo algum que elas existam, ou ainda possam ser coloridas com outras cores, ou cortadas. Os que assim fazem, não podem pretender, também, que a chuva e o orvalho constituam uma benção para tudo quanto vive sobre a terra. Quem teme expor suas plantas, demasiadamente sensíveis, a esses elementos, e prefere regá-las no seu próprio quarto, não pode, por isso, exigir que a chuva e o orvalho não caiam do céu. Não devemos esquecer-nos de que tudo quanto é natural pode tornar-se proveitoso. Além disto, não conhecemos nenhum livro feito pelos homens, até mesmo a Bíblia, que não apresente fatos controvertidos e duvidosos; pelo contrário, uma interpretação justa, em vez de má, dá testemunho da pureza de nosso coração. As crianças apontam sem medo para as estrêlas, ao passo que outros, segundo expressão popular, com isto ofendem os anjos.

Há cerca de treze anos que vimos colecionando estas lendas. O primeiro volume, aparecido em 1812, continha o que recolhemos da tradição oral, em Hessen, nos distritos de Meno





e Kinzing, do condado de Hanau, onde nascemos. O segundo volume ficou pronto em 1814, e foi terminado mais depressa, por ter o livro granjeado amigos que o ajudaram, por conhecerem a nossa intenção e, em parte por haver-nos favorecido a sorte, aparentemente um simples acaso, mas capaz de prestar precioso auxílio a qualquer pesquisador esforçado e persistente. Consagramos, então, nossa atenção a tôdas as cousas que, a cada passo, deparávamos, com referência a costumes característicos, provérbios e ditos populares. As formosas lendas dialetais alemãs dos principados de Munster e Paderborn, devemos-las a dois fatores excepcionais; a familiaridade com o dialeto e com as lendas, que, neste particular, se nos apresentaram muito favoráveis. Nestas regiões de liberdade, alemãs, as sagas e as lendas conservaram-se por ser diversão quase obrigatória dos dias de festas, o que concorria para que o distrito se tornasse filão inexaurível de tradições e canções do passado. Nas localidades em que a imprensa não introduziu inovações estranhas e não as sobrecarregou inútilmente, a reminiscência das coisas passadas é mais viva e, de modo particular, entre a gente de cultura literária limitada ou nula, a tradição conservou-se mais forte e menos obscurecida por idéias estranhas. Assim, muito provavelmente, a Baixa Saxônia guardou melhor as tradições que outras regiões. Que coletânea mais completa e rica houvera sido possível nos séculos XVI ou XVI, em tempos de Hans Sachs e Fischart!

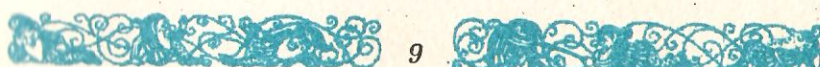
Tivemos uma boa oportunidade quando travamos conhecimento com uma camponesa oriunda da aldeia de Niederzwehrn, perto de Kassel. Contou-nos ela a maior parte das mais belas lendas do segundo volume. A Senhora Viedhmaennin, muito forte, tinha pouco mais de cinquenta anos de idade. De traços firmes, agradáveis, demonstradores de compreensão; os olhos eram grandes, luminosos e penetrantes. Guardava, cuidadosamente, de memória, velhas lendas e costumava dizer que esse dom não é dado a todos e que há os que não conseguem conservar coerentemente as coisas para as transmitir. Falava lentamente, com segurança e incrível vivacidade. Gostava de fazê-lo. A princípio, narrava as histórias com muita rapidez; depois, era só pedir-lhe que ela repetia tudo devagar, de




modo que se a pudesse acompanhar escrevendo. Destarte, muitos de seus relatos conservaram-se ao pé da letra. Se alguém, por presunção, supuser descuido nos relatos, negligência na transcrição, ou impossibilidade de guardar-se fielmente uma longa história, engana-se. Deveria ouvir aquela mulher e observar que ela se mantinha estritamente dentro da história, observando-lhe a exatidão minuciosamente. Nunca, mesmo nas repetições, alterava os fatos e sabia corrigir toda falha que se lhe houvesse ocorrido. Apegamo-nos mais firmemente à tradição, quando mantemos a mesma maneira de viver, que quando mudamos. A tradição, como já se demonstrou, possui tamanha força de penetração e intimidade que sobrepuja, às vezes, coisas mais brilhantes, dela destituídas. As bases épicas da poesia popular se assemelham ao verde que se dissemina por toda a natureza em múltiplos matizes; um verde que agrada e satisfaz, que acalma e não cansa.

Além das lendas para o segundo volume, recebemos sugestões para inúmeros acréscimos no primeiro, e contos mais interessantes do que muitos já reunidos, procedentes de numerosas fontes. Hessen, região montanhosa, afastada das grandes estradas militares e dedicada à agricultura, tem o privilégio de poder conservar, com mais pureza, antigos costumes e tradições. Há nos povos desta região certa seriedade e espírito são, capaz e corajoso; até os homens, altos e másculos, conseguiram conservar e transformar em vantagem a falta de comodidade e de requinte, o que facilmente se percebe em simples confronto com povos de outras regiões como a Saxônia. Vê-se, então, que aquelas regiões, embora ásperas mas excepcionalmente maravilhosas, conferem certa severidade no modo de viver. De fato, são os hessianos, entre os vários povos de nossa pátria, os que melhor conservaram não só as velhas moradias senão também aqueles sinais marcantes de personalidade, apesar das mudanças peculiares aos tempos em que vivemos.

O que coletamos até ao presente, para a nossa coleção, pretendíamos incorporar à segunda edição da obra. Por este motivo, o segundo volume foi quase que inteiramente refundido; a linguagem tornou-se mais apurada e foram eliminados






contos que não se punham a par dos melhores. Reexaminou-se com atenção, o material que, talvez, pudesse suscitar dúvidas, isto é, que pudesse passar como de origem estrangeira ou contaminado de interpolações; tudo foi devidamente separado e examinado. Em substituição, ajuntaram-se novos trabalhos, sobretudo da Áustria, da Boêmia alemã; material inteiramente inédito. Em edição anterior, dispusemos de pouquíssimo espaço para as notas explicativas; com a ampliação da obra, consagramo-lhes um terceiro volume em separado. Com isto, foi-nos possível dar a público numerosas informações, bem como adicionar novos parágrafos que, como esperamos, valorizarão ainda mais as tradições, em que se fundamentam.

A coletânea demos-lhe maior importância a fidelidade e veracidade. Nada acrescentamos; não adornamos nenhum fato e nem o vestimos com a roupagem da lenda; transmitimos apenas a essência deles, tal qual a recebemos. É evidente que o estilo e as minudências são nossas, mas conservamos todos os pormenores deixando assim à coletânea a multiplicidade de forma. Os que alguma vez respigaram em campo idêntico, bem poderão compreender que este trabalho não é um amontoado descuidado e sem plano; pelo contrário, faz-se mister atenção e tato, que só se adquirem com o tempo e nos permitem distinguir do falso, o que é simples, puro e perfeito. Os vários contos que se completavam, sem que houvesse interrupção e contradição na seqüência, transmitimo-los como um só; quando, porém, apresentaram-se divergências, por terem êles características próprias, preferimos sempre o melhor, guardando os demais para serem anotados. Tais divergências afiguraram-se-nos mais estranhas que àqueles que nelas apenas vêem alterações, deturpadoras da imagem primitiva, por se nos parecerem meras tentativas de aproximação da forma original, primitiva e inesgotável, que se deve às várias formas de interpretação. A repetição de frases e de traços característicos devem ser considerados como ênfase poética, não se a devendo entender noutro sentido.

Gostaríamos de conservar a linguagem dialetal característica; se pudéssemos fazer; quanto lucrariam os contos! Neste caso, a cultura, o apuro e a arte da linguagem prejudicam.



Sente-se que a linguagem requintada, literária, apesar de mais precisa e clara, e mais transparente, perde o sabor ao afastar-se da substância do conto. É lamentável que o dialeto do baixo Hesse, das proximidades de Kassel, limite do antigo saxônio e franco, se tenha transformado em uma mistura instável, de difícil compreensão do baixo-saxão e do alto-alemão.

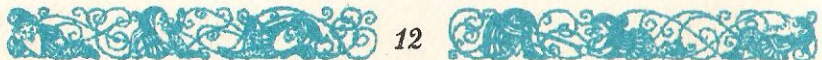
Que saibamos, não há neste sentido uma coletânea de lendas alemãs. As que existem foram conservadas por acaso, e outras, tidas somente como matéria prima à elaboração de contos mais extensos. Discordamos dessas transformações. É indubitável que o pendor da poesia é a evolução poética, sem a qual a tradição seria coisa morta e estéril. Por este motivo, em cada região, as histórias são contadas diversamente, conservadas as características que lhe são peculiares. Há, todavia, diferença entre esta modificação semi-inconsciente, uma como que tranquila continuidade semelhante à das plantas e das flores que desabrocham regadas pela fonte perene da vida, e a interpolação de pormenores intencionais, em que as ligações se fazem arbitrariamente, e, embora bem concatenadas, indicam alteração. Isto não podemos permitir. A lei única, em tal caso, estaria na dependência da cultura do escritor, do seu arbítrio, ao passo que, respeitada a ordem natural, o espírito da sabedoria popular impera, não permitindo que tenham expansão as ambições individuais. Se para nós valem as tradições; noutras palavras, se para nós as tradições são o repositório de culturas de outros tempos, compreenderemos, claramente então, que esse valor intrínseco à própria tradição se perde com aquelas transformações. Com isto nada lucra a literatura, uma vez que ela vive somente unida à própria alma, quando então se expande e vivifica, se aquece e fortifica. Qualquer transformação que tire às lendas a simplicidade, a inocência e a pureza, rouba-as ao ciclo a que pertencem e onde são desejadas. Talvez, na melhor das hipóteses, se lhes conceda, em troca, finura, espírito, sobretudo o jocoso que o ridículo do tempo acrescenta uma delicada finura de sentimentos, coisa nada difícil em um povo de requintada literatura. Tudo isto é mais reluzente que vantajoso, muito deleitável ao ouvido e à voz e condiz com os costumes do nosso tempo que para tanto ente-



souram e apuram os encantos. Mas o jocoso, quando repetido, acaba por cansar: somente o que é calmo, e tranquilo, e puro, perdura. A mão experimentada nessas transformações se assemelha àquela outra que, em tudo que tocava, transformava em ouro, inclusive os alimentos, mas nem assim logrou matar-nos de fome e sede, no meio de tamanha opulência. E, quando, apenas pela imaginação, devem reviver-se as figuras da mitologia, como tudo nos parece frio e informe, não obstante o fausto e a eloquência das palavras! Isto tem valor somente para as supostas transformações que procuram embelezar e envolver as lendas em halo poético, e nada valem para a livre interpretação delas, capaz de transmudá-las em eloquentes poemas e localizá-los em determinado tempo. Quem gostaria de limitar a poesia?

Entregamos este livro a mãos benévolas e, ao fazê-lo, pensamos na força abençoada que nelas vive. Desejamos, aos que invejam as migalhas de poesia dos pobres e dos humildes, fique êle inteiramente desconhecido.

KASSEL, 3 de junho de 1819.



INTRODUÇÃO

Em data de 6 de maio de 1872, Jacob Grimm escrevia, também, em nome do irmão Wilhelm, ao amigo L. von Arnin, a seguinte carta: "Se puderes persuadir algum editor a publicar os contos infantis que colecionamos, peço-te que o faças; nós estamos dispostos a renunciar a qualquer retribuição; poderíamos aceitá-la no caso de uma eventual nova edição. Pouco importa que o papel e a impressão sejam bons ou ruins: no segundo caso, o volume virá a custar menos e será assim mais fácil a difusão; não temos senão um desejo: encorajar, com este exemplo, outras coletâneas do mesmo tipo etc. etc."

O desprendimento manifestado nesta carta mereceu um belo comentário do erudito professor Ernest Tonnelat, que, entre outras coisas, o qualificou de atitude própria dos grandes e verdadeiros sábios.

O período da dominação napoleônica, em grande parte da Europa, foi um período singularmente fértil no campo da cul-

